

# A Gramática Decorativa da Talha Almóada de Tavira



Ricardo Manuel Pereira Tomás



**Campo Arqueológico de Tavira**

**Tavira, Portugal**

[www.arqueotavira.com](http://www.arqueotavira.com)

[mail@arqueotavira.com](mailto:mail@arqueotavira.com)

## Resumo

Este trabalho é sobre a decoração estampilhada do período Almóada, fase final do domínio islâmico no Sudoeste Peninsular. Esta época, que decorre nos séculos XII e XIII, é notável historicamente, pois vive-se na época da “reconquista” cristã e também ideologicamente, pois o período Almóada fazia culto do poder do seu chefe e do poder de Deus com se pode verificar nas cerâmicas epigrafadas.

Na cidade de Tavira foi encontrado espólio arqueológico muito variado, entre ele, cerâmica estampilhada, tendo sido seleccionadas algumas das peças mais representativas para este estudo monográfico. Esta produção de cerâmica estampilhada não se limita só à região de Tavira, alargando-se a todo o *al-Andalus*.

Estudo realizado no âmbito de um Seminário de História de Arte, no quadro de uma licenciatura em História na Universidade Lusíada.



*“Apaguem por um momento dos campos de Portugal as sombras do pessegueiro, do limoeiro, da laranjeira, da nespereira, da ameixeira, da alfarrobeira; recue-se para sul a oliveira, suprimindo a comercialização do azeita e da azeitona; rareiem-se as amendoeiras e as folhas largas da figueira com o seu almeixar; suprimam-se as noras, os alambiques, as alquitarras; intensifique-se a vinha no Alentejo e no Algarve; retirem-se da periferia das cidades a mancha verde das hortas, dos meloais, das forragens; castrem-se os cavalos de Alter; afoguem as azenhas ou calem o canto dos moinhos de vento; abatam o camartelo as muralhas do centro e do sul cujo o risco, para das reparações e dos acrescentos posteriores, foi obra dos seus alarifes ou arquitectos; desmontem as almenas, as abóbadas do chamado gótico alentejano, as fontes abobadadas; piquem as taipas, os estuques; destruam as casas de adobe caídas de branco por dentro e por fora; enterrem os azulejos; queimem as esteiras, as alcofas, os capachos, os tapetes; rachem os alguidares; tentem destruir os couros, os arreios, os cobres, as grades geométricas.*

*Que nos fica?”*

António Borges Coelho



# Índice

Agradecimentos .....	5
Introdução .....	6
Síntese histórica do <i>Gharb al-Andalus</i> .....	7
Tavira Islâmica.....	12
As Talhas .....	16
Catálogo .....	19
Cor e acabamento das peças .....	19
Peça 1 .....	20
Peça 2 .....	22
Peça 3 .....	23
Peça 4 .....	24
Peça 5 .....	25
Peça 6 .....	27
Peça 7 .....	28
Peça 8 .....	29
Peça 9 .....	31
Peça 10 .....	32
Peça 11 .....	33
Peça 12 .....	34
Peça 13 .....	35
Peça 14 .....	36
Peça 15 .....	38
Bibliografia .....	40

## Agradecimentos

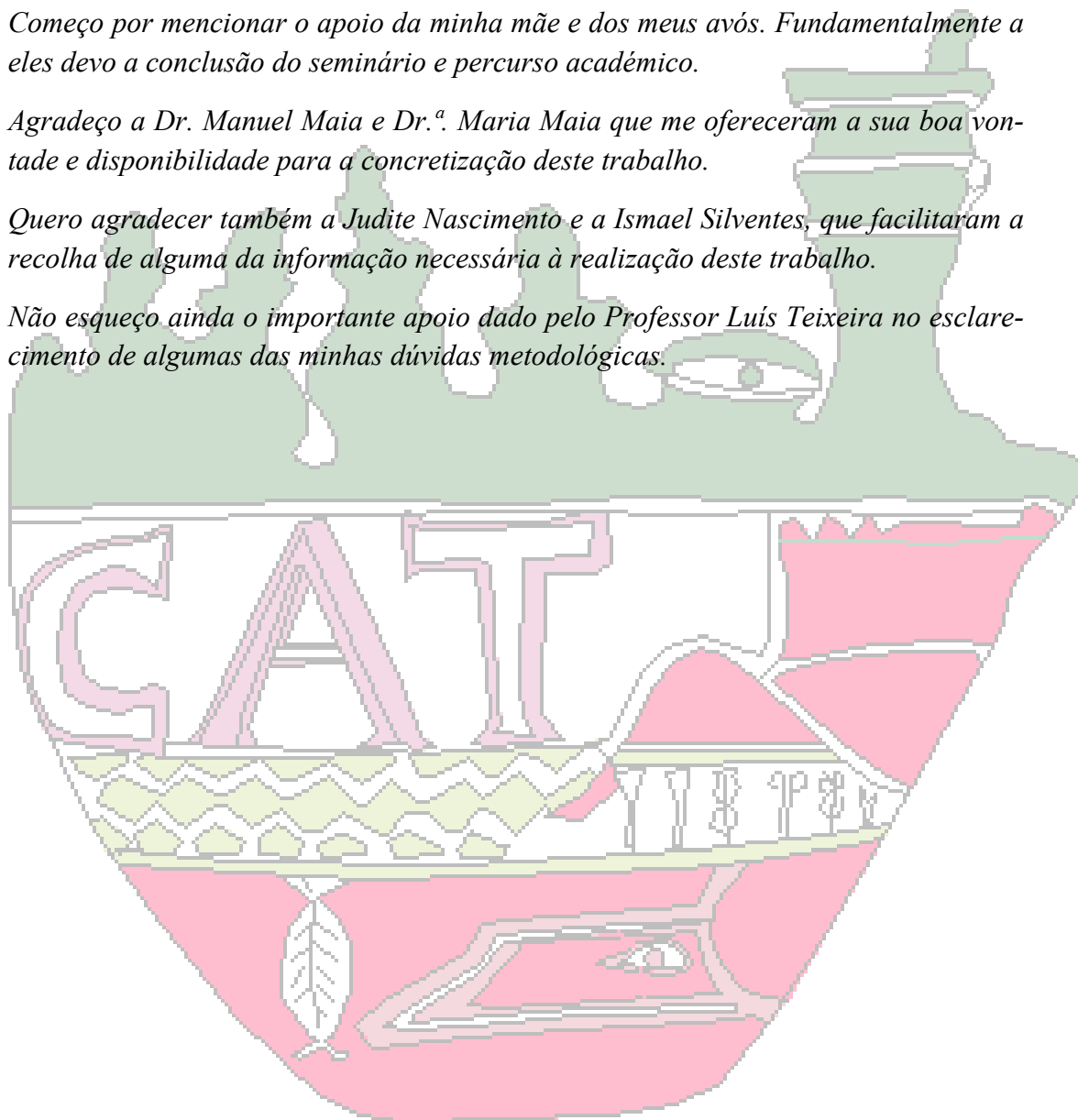
Esta página de agradecimentos não é uma obrigação, mas sim um imperativo de consciência. É porque este trabalho não teria sido possível sem a ajuda de muita gente.

*Começo por mencionar o apoio da minha mãe e dos meus avós. Fundamentalmente a eles devo a conclusão do seminário e percurso académico.*

*Agradeço a Dr. Manuel Maia e Dr.<sup>a</sup> Maria Maia que me ofereceram a sua boa vontade e disponibilidade para a concretização deste trabalho.*

*Quero agradecer também a Judite Nascimento e a Ismael Silventes, que facilitaram a recolha de alguma da informação necessária à realização deste trabalho.*

*Não esqueço ainda o importante apoio dado pelo Professor Luís Teixeira no esclarecimento de algumas das minhas dúvidas metodológicas.*



## Introdução

Fazer um trabalho sobre a gramática decorativa na cerâmica islâmica de Tavira, não é um exercício fácil. Deve-se notar, tal como refere José Domingues, que as fontes que suportam a investigação sobre a presença islâmica na região de Tavira são escassas e nem sempre de fácil alcance para qualquer candidato a investigador. Para além disso, presume-se, também, como faz Eva Von Kemnitz, que a presença islâmica, em Tavira, seja anterior à data dos registos históricos encontrados nas escavações.

No entanto, a preocupação em fazer um trabalho que constituísse um contributo, pequeno que seja, para a memória da região de Tavira, bem como o interesse estético pela cultura islâmica fez com que avançasse com a proposta de estudar a cerâmica decorativa no campo arqueológico de Tavira.

O processo de islamização, não deve ser absolutizado como um processo de “conquistas” e “reconquistas”, é, muito mais, um processo de aculturação de povos, tal como refere Cláudio Torres. É, pois, num contexto mediterrânico, feito de encontro de culturas, que se insere o *al-Andalus*.

É, então, compreensível, que as maiores cidades muçulmanas, como, por exemplo Sevilha e Córdova, à data do califado Omíada, fiquem próximo do mar mediterrâneo e que as partes mais setentrionais da península não tenham tido uma islamização tão intensa como a região sul.

Deste modo, de forma a contextualizar o trabalho, apresenta-se uma síntese da história do *Gharb al-Andalus*, com a particular preocupação de inserir o leitor no universo político e religioso da época, nomeadamente das guerras político-religiosas, quer internas ao mundo islâmico, quer entre o mundo cristão e o mundo árabe.

Pretende-se, assim, que a apresentação subsequente, mais “local”, da cidade de Tavira e dos seus utensílios, com particular destaque para a talha islâmica, se insiram num contexto, mais global, de luta político-religiosa sem o qual é impossível compreender todo o seu alcance e significado histórico.

## Síntese histórica do *Gharb al-Andalus*

A civilização islâmica é uma continuadora do mundo antigo, ela não pode ser separada deste contexto geográfico e cultural. O Islão aproxima-se da Europa como ainda nunca se tinha aproximado, a civilização islâmica vai ocupar o sul da península ibérica como ainda nunca tinha povoado durante séculos até ao fim da reconquista por Fernando e Isabel, em 1492. Durante vários séculos há uma afirmação do Islão contra a Europa, mas essa afirmação também é oposta, constituindo chamada a guerra Ocidente/ Oriente. A partir do século VIII, berberes do Norte de África instalam-se, não pela via da força e da guerra como foi referenciado por muitos historiadores, mas uma colonização fácil nas cidades e nos campos, é uma vaga de muçulmanos que junta tribos de costumes primitivos e os que já estão sedentarizados instalam-se na península.

No século VIII o império islâmico que tinha a sua capital em damasco, foi dividido em províncias com cinco grandes governos: Um deles que tinha capital em Kufa, fazia parte o Irão, Iraque e Arábia oriental; outro compreendia o Hedjaz, Iémen, Arábia central, Alta Mesopotâmia, Arménia e Ásia menor oriental, o seu centro governativo era em Mossul; o Egipto era uma província única e tinha a sua capital em Fostat; o Norte de África e a península Ibérica pertenciam aos territórios de *Ifríquia* e a sua capital era Cairuane; Síria e Palestina eram governadas por Damasco.<sup>1</sup> O ano de 711 marca uma viragem na história da Península Ibérica. *Tariq* e as suas tropas entram em território peninsular, que dá origem á derrota visigoda e a fuga de alguns nobres para zonas setentrionais. A conquista árabe da península foi de um curto período de tempo entre 711-716, esta conquista é de facto num espaço de tempo muito curto a isso deve-se o facto desta conquista não se ter resumido apenas a uma movimentação de tropas e muito menos a uma simples expansão de povos árabes<sup>2</sup>. Foi uma conquista pacífica, houve acordos entre o invasor muçulmano e povos autóctones, pois a maioria da nobreza visigoda instalou-se em zonas muito setentrionais da península. O ocidente peninsular manteve-se calmo durante vários anos, conformado com os novos senhores, a população local, romano-católica nesses primeiros anos não cria problemas com a nova religião de Alá, esta também tolera a religião dos vencidos. Segundo M. Terrón Albarrán, a parte ocidental da península foi conquistada pelos percursos das antigas calçadas romanas. Caminhos percorridos pelos exércitos de Musa e de seu filho *'Abd al 'Aziz*, chefes militares nas campanhas de conquista na Península Ibérica. Numa primeira campanha é conquistada Ossónoba e submete Beja. Esta cidade foi então consolidada numa segunda campanha. Beja foi uma conquista muito importan-

<sup>1</sup> Catarino, Helena “ O Garbe Al- Andalus: definição territorial e administrativa” in *O Algarve da antiguidade aos nossos dias*, 1999, pp. 69

<sup>2</sup> Torres, Cláudio e Macias, Santiago “ Apogeu da civilização islâmica no ocidente Ibérico” in *Memória de Portugal, o milénio Português*, 2001, pp. 2



uma conquista muito importante, a partir daí é ocupado o território do alto Alentejo e Estremadura, ficando com o controlo de cidades como: Évora, Santarém, Lisboa e Coimbra no ano de 714. Uma outra campanha saída da Galiza conquista territórios entre Douro e Minho.

É durante o século VIII que na região das Astúrias se encontra o berço do cristianismo, aí foi fundada uma dinastia Asturiana. O reinado de Afonso I vai coincidir com uma grave crise no *al-Andalus*, os problemas étnicos e sociais entre árabes e berberes. Mesmo dentro destes grupos existem conflitos tribais, o que não favorecia a unidade no *al-Andalus*. Então Afonso I vai ter em conta estes conflitos, que aproveita para aumentar o seu território e dar início ao fenómeno que ficou conhecido na península Ibérica como “reconquista cristã”. Quando este rei cristão morreu, o seu território estendia-se até ao rio Douro. Este avanço Asturiano, que teve incursões na zona do vale do Tejo, incluindo a tomada e saque de Lisboa em 798.

O século IX é composto por um grande número de invasões nórdicas, são os Normandos que vão fazer incursões em regiões cristãs e não cristãs. Há ataques a Lisboa, que estava sob a alçada de um *wali* árabe, então os muçulmanos conseguem afastar os Normandos, que se deslocam para sul e chegam ao Guadalquivir. Outro grupo de Normandos sobe o rio Guadiana, presume-se que chegou a Beja. A costa Algarvia foi constantemente atacada por outro grupo de *vikings*.

Este século ficou conhecido pelas invasões Normandas e no mundo islâmico peninsular por uma certa unidade e autonomia criada pelo chefe militar *Ibn Marwân* no *Gharb*.

Em meados do século X, sucedem-se, novas campanhas de Normandos, desta vez com mais impacto a todos os níveis, *Ibne Idhari* danos a conhecer um episódio de uma batalha entre muçulmanos e Normandos, ocorrida na foz do rio Arade em Silves.

As invasões nórdicas vão enfraquecer o poder Andaluz o que faz aumentar as incursões cristãs, os exércitos Asturo-Leoneses atingem o Douro, conquistando o Porto em 868, chegando a Lamego, Viseu e também a Coimbra.

O califado de Córdoba traz um fortalecimento do poder central com a figura de Abderramão III, os vários feudos foram sendo submetidos ao poder do califa, pagando-lhe impostos para o tesouro público<sup>3</sup>. Mas a situação quando este califa chega ao poder não é das melhores no Andaluz, ele teve como primordial preocupação terminar com os principados que se encontravam em revolta, pois era necessário manter a paz interna na região. No *Gharb al-Andalus* vai atacar várias vezes Badajoz e submeteu Santarém ao seu poder. A unificação das províncias ao seu califado, era por vezes proveitoso para as populações locais, por exemplo concede amnistia á população de Santarém, pelo acolhimento que esta lhe dispensou. No ano de 929 é quando começa o seu reinado, torna-se príncipe dos crentes e intitula-se califa<sup>4</sup>. No fim do seu reina-

<sup>3</sup> Marques, A. H. de Oliveira “ Nova História de Portugal, Portugal das invasões Germânicas à “reconquista”, Lisboa, 1993, pp. 129



califa<sup>4</sup>. No fim do seu reinado, Abderramão III conseguiu uma pacificação nas províncias que estavam em revolta contra uma centralização do poder omíada, consegue também um controlo efectivo nas fronteiras, contendo o avanço cristão ao longo do Douro e da Meseta norte<sup>5</sup>.

O fim do califado Omíada de Córdoba trouxe uma nova conjectura para o *al-Andalus* e em particular para o *Gharb*. No ano de 1013/403 surgem as primeiras taifas, são pequenos reinos que surgem devido a cisões e revoltas. Curiosamente este período conturbado identifica-se tanto no abandono das villae desta região meridional, que não conheceram ocupação no período pós-califal. Não são muitos os dados sobre a fragmentação do *Gharb* depois do califado de Córdoba, também pouco se sabe sobre o reino das taifas. Em 1026/417 surgiu a taifa de Ossónoba e a de Silves em 1048/440, na cidade de Silves é a família *Banú Muzayn* a controlar a cidade, enquanto que a cidade de Ossónoba era governada pelos *Banú Harun* mas só até as campanhas dos Abádidas que levaram à unificação de todo o *Gharb*; o território passou a estar submetido à autoridade de Sevilha a partir de 1053/445.

Pode-se talvez arranjar uma data para os conflitos, a partir de 1009 Dénia e as ilhas Baleares a manifestarem-se contra o califado de Córdoba seguiram-se Arcos, Granada, Huelva, Albarracín, Múrcia, Almería, Carmona e Morón, num espaço de quatro anos. Mais tarde seguem-se cidades mais importantes como: Saragoça (1017), Valência (1021), Badajoz (1022) ou Sevilha (1023). Taifa quer dizer partido, facção. Nome por que são designados os reinos que se constituíram no Andaluz depois da queda do califado de Córdoba. Distinguiram-se os estados de Sevilha, Badajoz, Toledo, Saragoça e Granada e, em território português, os estados de Mértola, Faro, Silves e Lisboa.

Huelva tem a sua primeira revolta em 1012, era um reino de taifas dos mais pequenos mas *Al-Bakri* e seu pai governaram durante quarenta anos. A sua área de influência ia até cerca do Algarve actual, incluindo *Ossónoba*, então conhecida por *Santa Mariya*. Pouco ou nada se sabe das relações políticas com *Ossónoba*. Há notícia de uma revolta na cidade de Santa Maria em 1026. Faro é então autónomo de Huelva criando um reino de taifa mais pequeno e separado do de Huelva. Nesta rebelião vai-se centrar a figura de *Ibn Harum*, um influente proprietário local que vai estar à frente desta nova situação política até 1041 e sucede-lhe o seu filho *Al-Mu'tasim* que governa onze anos e vê-se forçado a submeter-se à taifa de Sevilha. A família *Banu Harum* deixa o seu nome muito ligado à região. Santa Maria vai ficando conhecida por *Harum*, que hoje em dia se chama Faro. Este século XI foi dos mais brilhantes no sul de Portugal, com prova temos a cidade de Silves e um grande número de poetas e escritores, é o caso de *Ibn Ammār*, político e poeta de Silves.

---

<sup>4</sup> Catarino, Helena in "Al-‘ulyā revista do arquivo histórico Municipal de Loulé N° 6, 1997/98, Loulé, pp.75

<sup>5</sup> Catarino, idem.

No século XII e XIII a islamização e a orientalização estavam já bem enraizadas na península Ibérica. O século XI e XII é marcado por uma presença de uma tribo do deserto, que ficou conhecida por Almorávidas, desembarcam em 1086 no Al-Andalus, vencem numa batalha de Zalaca o rei Afonso VI, acabam com o reino abádida em 1091 e em Badajoz põem fim ao reino dos Aftácidas no ano de 1094. Estas vitórias dos Almorávidas traz uma nova unificação ao *al-Andalus*. Temos reinados importantes como o de *Tasufin* ( 1061- 1106 ) e o de *Ali Yusuf* ( 1106- 1143 ) que vem fazer acreditar que metade da Península ainda é muçulmana e é necessário um império forte e coeso. Mas dá-se a queda de Saragoça às mãos de Afonso I de Aragão e sucedem-se outras vitórias cristãs são sinais de mudança. No norte de África surge um novo chefe a pregar a guerra santa, uma serie de indivíduos fanáticos que estão na origem dos Almóadas, começam a ter uma forte aderência das massas. No *al-Andalus* os almorávidas tornam-se mais intolerantes, provoca a fuga de vários moçárabes para o Norte. Os moçárabes são indivíduos que vivem nos domínios islâmicos, mas mantêm um ritual cristão, eram tolerados pelos árabes, mas os impostos eram mais pesados para os moçárabes. Os almorávidas ao mostrar alguma intolerância com os moçárabes perdem contactos mais directos com os seus “ inimigos religiosos “.

O cristianismo vive uma época de expansão, na década de 1130 os estados da Espanha cristã lançam-se ao ataque e vão adquirir novos territórios, este avanço é facilitado pelo desmoronar do império Almorávida. Um episódio que prova esta expansão cristã é a construção do castelo de Leiria em 1137, na zona da marca, para servir de poderosa base de ofensiva e também defensiva.

Com o fim do império Almorávida entra-se na chamada época das segundas taifas, surgem na península Ibérica uma série de revoltas e novas realidades políticas. No centro destas revoltas estão os *sufis*, uma corrente herética e mística dentro do islamismo que reagem contra algum intelectualismo do Islão. Existe na península uma anarquia reinante, vários chefes árabes pretendiam o poder, depois da derrota dos almorávidas. Tentou-se uma confederação, mas a guerra civil era um facto entre os chefes árabes que alternadamente governam nas cidades capitais das novas taifas. Os almóadas e os cristãos aproveitam-se da anarquia reinante, Afonso Henriques consegue a conquista de Santarém, na mesma altura os almóadas submetem com sucesso algumas cidades como Mértola e Silves. Também há sucessos da parte dos cristãos, com a ajuda da 2.<sup>a</sup> cruzada, Afonso Henriques vai cercar Lisboa e conquista-a em 1147.

Nesta altura *Ibn Casi*, recusa o poder dos Almóadas e vai revoltar-se. Juntamente com a revolta de *Ibn Casi* está a cidade de Cádiz. Como *Ibn Casi* necessita de apoio, faz uma aliança com os cristãos, como tinha feito anteriormente. O resultado não foi o melhor para *Ibn Casi*, a população revolta-se contra ele e acaba por o matar, pondo no seu lugar *Al-Mundir*.

Estas lutas internas vão prejudicar os muçulmanos em benefício dos cristãos, que deslocam a sua fronteira para o Sado e terras Alentejanas. Vão ser conquistadas mais

idades pelos cristãos como: Alcácer do Sal, Santarém, Évora (que a conquista se deve ao Geraldo *Sem-Pavor*), Serpa, Badajoz e terras onde hoje é a Estremadura Espanhola. O rei Fernando II de Leão não gosta das conquistas feitas por Geraldo sem pavor, porque eram áreas que os Leoneses acham com direito e também zonas muçulmanas. Por isso vão unir esforços para derrotar os agressores portugueses. Afonso Henriques é detido em Badajoz, é posto em liberdade com a condição de entregar todos os castelos a leste do Alentejo e a norte do Minho.

Os almóadas tem um império com um poderoso sistema defensivo e ofensivo, era importante expulsar os cristãos da península, foram califas como *Al-Sahid* e *Al-Mansur* que vão fazer frente aos cristãos e empurra-los novamente para alinha do Tejo. Nesta altura quando estão a sofrer as consequências dos ataques almóadas, o rei Fernando II de Leão vai ajudar os Portugueses, obrigando os almóadas a retirar para o Alentejo. A fronteira vai se situar a sul do rio Tejo. No ano de 1189 há novos ataques Portugueses, com o apoio de um frota de cruzados ( 3ª. Cruzada ), conquistam Silves. O califa *Al-Mansur* reconquista Silves dois anos depois e também dirigiu-se para norte até Torres Novas, a fronteira é deslocada para o Tejo, mas a cidade de Évora continua cristã no meio de território muçulmano.

O império Almóada entrava em declínio e o seu fim é em 1212 quando *Al-Nasir* é derrotado por exércitos Portugueses e Castelhanos. Mas os muçulmanos ainda continuam com força. D. Afonso II conquista Alcácer do Sal com a ajuda de uma nova cruzada em 1217. Nas décadas de 20 e 30 os avanços cristãos continuam, provocando um maior enfraquecimento dos almóadas. D. Sancho II faz mais conquistas no Alentejo e Algarve oriental com ajuda das ordens militares: de Santiago, Calatrava e do Hospital.

O rei D. Afonso III, irmão de D. Sancho, continua as conquistas a sul, incluindo Silves, Faro e Tavira.

A partir da reconquista cristã começa um novo ciclo na história do *Gharb al-Andalus*, o território cristão tem novas fronteiras. Os árabes recuaram mais para sul, mas muitos ficaram, mas não houve tanta tolerância religiosa, as mesquitas foram destruídas ou transformadas em igrejas e muitos muçulmanos foram viver para fora de portas, aparecem as chamadas mourarias.

## Tavira Islâmica

A costa atlântica do sul da Ibéria é uma longa e suave curva que começa no estreito de Gibraltar e acaba em Sagres, no promontório sagrado dos antigos.

Ao longo dessa costa, há muitos cursos de água navegáveis e onde chega de alguma forma ecos do mundo mediterrânico. Subindo os rios e a alguma distância da foz, encontravam-se algumas das mais importantes cidades mercantis meridionais: Sevilha, no Guadalquivir, Niebla, no Tinto, Tavira, no Gilão, Silves, no Arade e Mértola no Guadiana.

As fontes árabes que fazem referência a Tavira são as de autores árabes como: Idrici, Iacute e *Ibne Sáhíbe Açala*, todos eles são autores do século XII.

O autor Idrici refere que Tavira é uma alcaria (aldeia). Iacute diz que é uma povoação (*baladat*) com muitos sábios. *Ibne Sáhíbe Açala* refere-se à fortaleza de Tavira. Para autores do século XII Tavira é uma pequena povoação, os autores do século XIII já a referem como cidade.

O mais antigo acontecimento histórico na época islâmica referente a Tavira é o auxílio dado pelas tropas de Tavira em 1134 ao *Amir Taxufine Ben Ali*, governador do Andaluz<sup>6</sup>, noticia esta relacionada com campanhas militares.

A cidade de Tavira insere-se no enquadramento do *al-Andalus* como uma das várias cidades no curso dos rios com actividades comerciais e no caminho da cidade de Silves.

A história árabe de Tavira é mal conhecida, mas as escavações arqueológicas que decorrem nesta cidade, o aparecimento de espólio dos períodos das Taifas e Almorávida, contribuem para a construção de um melhor estudo do passado. Ainda não foi encontrada documentação anterior ao período Almóada, também pouco sabemos do que se passou na época das Taifas, mas os achados arqueológicos podem provar uma presença árabe em Tavira no século XI, anterior a esta época não existem vestígios de ocupação islâmica. Mas autores como Eva Maria Von Kemnitz<sup>7</sup>, afirmam que a presença islâmica em Tavira pode recuar aos primeiros tempos da invasão, talvez por 713<sup>8</sup>. Nos inícios da época almóada, a cidade de Tavira teve um papel importante na estratégia militar do Algarve. No ano de 1151, *Abdelmúmen*, califa dos almóadas, foi para Salé e muitas delegações muçulmanas foram-lhe prestar homenagem e juramento de fidelidade. Entre os vários chefes independentes aparece *Ámil ben Munib*, Senhor

<sup>6</sup> Domingues, José D. Garcia, Tavira na época árabe, conferência pronunciada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Tavira na noite de 16 de Janeiro de 1968, in prelo

<sup>7</sup> Kemnitz, Eva M., “Presença árabe em Tavira”, in *Tavira do Neolítico ao século XX – Actas das II jornadas de história de Tavira*, Tavira, 1993, pp. 109-118

<sup>8</sup> Kemnitz, *idem*.

*Ámil ben Munib*, Senhor de Tavira. Nesta altura as cidades importantes do Algarve possuíam direcções políticas autónomas.

O ano de 1151 foi importante para a história do Algarve e também de Tavira, esta cidade encontrava-se em revolta contra o poder almóada e a sua principal personagem é *Ibne al-Wuháibi*, ele pretendia criar um estado que dominasse as duas margens do Guadiana, pretendia também a sua independência, não se submeter ao poder do príncipe *Abdelmúmen*. Depois da revolta de Tavira, cerca de quatro anos, *Al-Wuháibi* resolve atacar Niebla, existe um certo clima de tensão no Andaluz por esta altura contra o poder Almóada. Em 1157 dá-se um cerco á cidade de Tavira por *Abdelmúmen*, foi sitiada por terra e por mar durante um período de dois meses. Devido a este episódio o poeta de Silves *Abu Becre al-Munáquil* dirige um poema ao governador *Adelmúmen*, em que fala de amor e louva a bravura do governador. Entretanto passado dois meses chega-se a um entendimento, o revoltoso *Ibne al-Wuhábi* reconhece a soberania nominal de *Adelmúmen*, cujo o seu nome devia ser pronunciado nas cerimónias de sexta-feira, o revoltoso ficava com a liberdade de continuar a governar o seu estado sem grande intervenção externa, é segundo *Ibne Idári* no seu livro “*Bayan al- Mugrib*” que temos conhecimento deste acordo entre o revoltoso *Ibne al-Wuhábi* e *Abdelmúmen*. Há um novo cerco a Tavira entre 1157 e 1167 mas o príncipe *Adelmúmen* não teve o resultado pretendido, Tavira continua nas mãos de *Al-Wuhábi* e este continua a resistir ao poder dos Almóadas, ele governava isolado no meio de outras cidades do Andaluz, como Mértola e Silves, que já estavam submetidas ao poder Almóada.

É então no ano de 1167 dá-se um terceiro cerco a Tavira, por *Adelmúmen*, que nesta altura já subira ao trono califal. As tropas califais estavam em Cacela e daí faziam os vários ataques á cidade de Tavira, por terra e por mar.

*Ibne al-Wuhábi*, tinha o apoio de gente nobre e rica que tinham ao seu serviço um corpo de piratas que provocavam o medo nos mares até ao Norte de África. Estes piratas eram apoiados pelo poder político, o que fazia deles uma espécie de corsários ao serviço de *Ibne al-Wuhábi*.<sup>9</sup> Depois de Tavira ter sido tomada pelos Almóadas não se sabe a quem foi entregue o governo mas, segundo o escritor árabe *Ibne Idári* no ano de 1169 Tavira tem um novo governador, não incluía só a zona de Tavira mas também Santa Maria do Algarve (Faro). O seu nome é *Abu Iáhi Zacaria ben Iáhia Sinane*, mas além do seu nome não se sabe mais nada a seu respeito.

A cidade de Tavira volta a ser falada nas crónicas da tomada da cidade aos mouros. Tavira estava sob domínio almóada e quem dominava todo o Algarve era *Aben Mafom*.

---

<sup>9</sup> A historia destes cercos á cidade de Tavira é pronunciada por José Garcia Domingues numa conferência na cidade de Tavira no ano de 1968, já aqui referenciada, tem como fontes: “ história dos Almóadas” de *Ibne Sáhíbe Açalá* de Beja; “ *Bayan al- Mugrib*” de *Ibne Idári* e a “História dos berberes” de *Ibne Caldune*.



Segundo o relato da conquista do Algarve, Tavira foi tomada aos muçulmanos por Dom Paio Pérez Correia no ano de 1242. Diz a crónica que Dom Paio já era senhor de Cacela e alguns dos seus cavaleiros foram caçar para a zona de Tavira. Nesta altura existia um tratado de paz entre cristãos e muçulmanos, os cavaleiros podiam então atravessar as fronteiras regionais, mas os árabes acharam isto uma ameaça e atacam os sete cavaleiros que tinham ido caçar para a zona das antas, Dom Paio tem conhecimento do episódio e sai com as suas tropas de Cacela em direcção a Tavira. Assim Tavira é tomada aos muçulmanos numa altura que o poder Almoáda está a decair, não existe uma grande união entre os estados árabes e tudo é negociado entre cristãos e árabes. A cidade é doada por D. Sancho II aos cavaleiros de Santiago em Janeiro de 1244. Em 1266, D. Afonso III doa foral e reserva Tavira para a coroa tal como as cidades de Silves, Faro e Loulé.

A poesia tinha um papel reservado no mundo Árabe. Em Tavira também nasceram poetas, o mais conhecido é *Abu Otmene*. É natural de Tavira e descendia de uma nobre família coreixita. No século XIII, quando o Algarve estava quase a ser conquistado, *Abu Otmene* vai para o oriente do Andaluz. Esteve em Maiorca onde foi primeiro-ministro do rei árabe que aí governava. Quando Jaime I ocupa Maiorca, *Abu Otmene* passa-se para Minorca, algum tempo depois proclama-se senhor independente desta ilha. Faz acordo com os aragoneses, segundo o qual os cristãos não entrariam na ilha, pagando um determinado tributo. Além destes episódios políticos ficaram de *Abu Otmene* os seus versos como este:

A “Gambaza”

*A bandoleira da espada vinca o pescoço de quem a leva  
Especialmente, num dia de pressa e de luta.  
O melhor que pode fazer um homem, nessa altura,  
Para evitar tal moessa é vestir um “gambaza”.<sup>10</sup>*

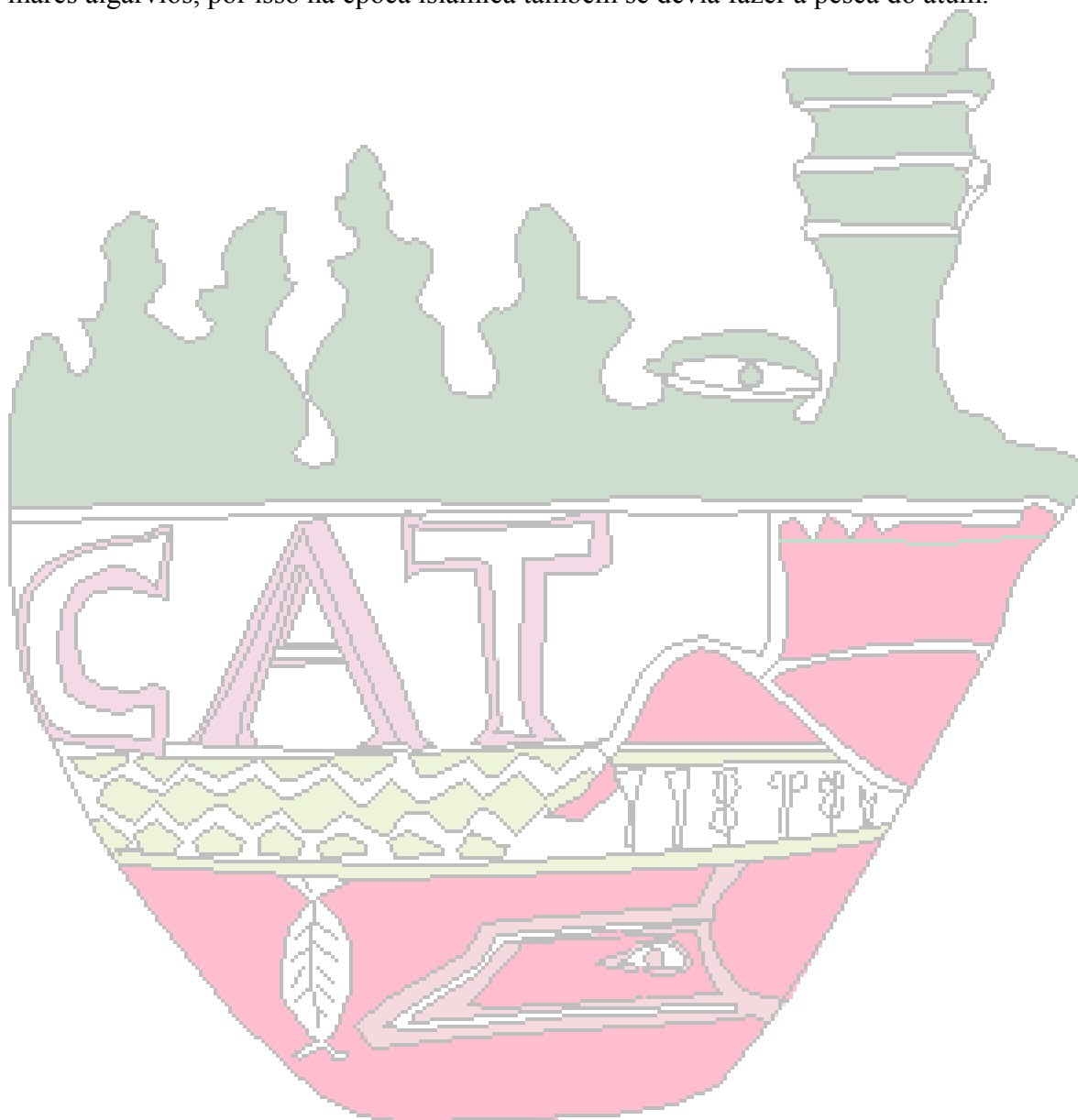
Em relação ao aspecto económico podemos deduzir, porque não existem fontes directas que nos possam provar, mas a sua proximidade com a antiga cidade romana de Balsa, da qual existem algumas fontes; os campos de Tavira tinham extensos olivais, uma cultura intensificada de olivais devido à influência romana. Segundo o escritor árabe Idrisi, os campos de Cacela e de Faro, tinham vastos figueirais de abundante produção, os terrenos de Tavira talvez tivessem uma produção agrícola semelhante.

<sup>10</sup> Tradução elaborada por José Garcia Domingues do poema “A Gambaza” de *Abu Otmene*. A Gambaza era, no Andaluz, uma veste grosseira que se vestia sob a quota de malha. Este poema nasceu de um episódio entre *Abu Otmene* e um guerreiro que tinha uma moessa no pescoço, devido há acção da bandoleira da espada.



Em Tavira e noutras zonas do Algarve existem muitos “Sítios da Nora “; “Norinha “; “Nora Velha“, a nora foi um engenho trazido pelos árabes para irrigar os campos e prados, dando origem a futuras povoações que ficaram com o nome.

A caça e a pesca são duas actividades que provavelmente faziam parte do quotidiano do *Gharb*. A crónica de conquista do Algarve fala-nos da caça, quando os cavaleiros da ordem de Santiago foram caçar para a região de Tavira. Sobre a pesca sabe-se que existiam muitos barcos. A pesca do atum era frequente a partir da época romana nos mares algarvios, por isso na época islâmica também se devia fazer a pesca do atum.



## As Talhas

As talhas eram principalmente utilizadas (com destaque para as decoradas ) como contentores de água, podendo também servir para guardar frutos secos e os cereais de consumo corrente. Um gargalo de boca larga encimada por um bordo de aba grossa, assenta num bojo pançudo ou globular que afunila numa pequena base plana ou ligeiramente convexa. A pasta mal cozida e muito porosa é normalmente branca ou avermelhada, conforme provenha de barreiras calcárias ou ferrosas. No grupo que ostenta o tradicional estampilhado, é de notar que nestes recipientes apenas o colo e o ombro são revestidos e impermeabilizados pela característica esmaltagem verde de óxido cobre. Este facto permite concluir que o oleiro os fabricou para guardar água de beber. A parte inferior da talha, deixada sem cobertura vítrea e portanto naturalmente humedecida, permitia manter sempre fresca a água. Devido também ao seu vistoso programa decorativo, aplicado sempre nas zonas mais visíveis, estes contentores de água ocupavam na Casa um lugar privilegiado.

As talhas não vidradas, podiam também ser impermeabilizadas interiormente. Utilizava-se pez ou gordura, consoante o produto que nelas se guardava.

Existem exemplares de vários tamanhos (o que poderá ter a ver com o seu conteúdo ou com as próprias necessidades dos habitantes da Casa) mas podemos considerar como dimensão média as peças com cerca de 70 cm de altura, entre 20 a 30 cm de diâmetro de boca, 55 cm de largura máxima e aproximadamente 15 cm de base.

A cerâmica estampilhada de Mértola, comparada com as suas congéneres andaluzas, não apresenta nenhuma particularidade. Enquanto os elementos decorativos se organizam sempre nas paredes externas das peças fechadas (a talha e o seu suporte) surgem a decorar as paredes interiores e os bordos das formas abertas (o alguidar, a tampa e a peça de uso indeterminado).

A decoração estampilhada consiste na aplicação de um molde ou matriz sobre o barro ainda verde da peça deixando impresso motivos decorativos que aparecem estruturados tanto na horizontal como na vertical, segundo um sistema de registos sobrepostos. Cada tema decorativo da cerâmica estampilhada é apresentado em pequenas matrizes, rectangulares, quadradas ou circulares, expostas repetidamente na horizontal alternando verticalmente com outras idênticas ou de temas diferentes. Os registos decorativos são delimitados geralmente por frisos preenchidos com decoração rectilínea e curvilínea incisa ou por sequências de losangos impressos através de um utensílio rolante. Em cada matriz, surgem, além do motivo principal, pequenos elementos diversos preenchendo os espaços vazios num processo simétrico e equilibrado.

Em geral detectam-se os seguintes temas:

### ***Tema geométrico***

Várias formas geométricas aparecem como elementos principais na cerâmica estampilhada, destacando-se sobretudo, sequências entrelaçadas e concêntricas de losangos, estrelas de oito e seis pontas e também formas circulares.

### ***Tema fitomórfico***

Os elementos que apresentam este tema manifestam-se, tal como em outros tipos cerâmicos, muito estilizados e longe de corresponder às plantas naturais. Aparecem, entretanto, além das clássicas palmeta, flor de lótus e rosetas outros elementos não identificados que surgem como temas centrais ou de preenchimento.

### ***Tema epigráfico***

A escrita árabe é um dos elementos mais abundantes nas estampilhas da talha. Tanto em estilo cúfico como em cursivo aparecem legendas bem epigrafadas de carácter religioso *al-mulk*, e outras de benção e bem-estar como *al-yumne* e *baraka*. Fórmulas estas que, para além do seu aspecto ornamental, têm, para um muçulmano, um poder profiláctico capaz de proteger não só o produto conservado mas também a Casa e os proprietários do contentor.

### ***Tema zoomórfico***

São detectadas quatro representações deste tema. Num caso trata-se de uma ave envolvida num medalhão, enquanto que noutro registo, se exibem envolvidas num merlão, duas aves separadas por uma haste central. Nos outros exemplos dois pares de quadrúpedes são apresentados em posição afrontada com cabeças voltadas para atrás. Pode afirmar-se num dos casos que se trata de dois leões, enquanto que a identificação dos outros quadrúpedes continua indeterminada.

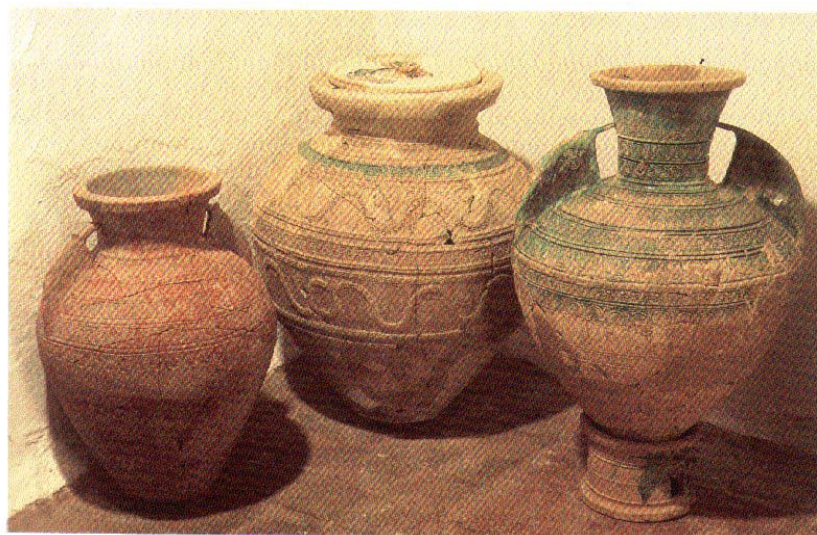
### ***Tema antropomórfico***

A mão é o único órgão humano representado nas cerâmicas estampilhadas de Mértola. Este motivo chamado mão de Fátima ou Rhamsa, que significa «cinco», foi objecto de diversos estudos de diversas disciplinas. A sua polémica origem é atribuída tanto às culturas hebraica e berbere como às antigas culturas orientais. Na verdade a representação da mão é observada em diversas civilizações adquirindo uma simbologia religiosa ou divina (*ex-voto*) e um poder profiláctico (amuleto). A religião muçulmana na sua vertente popular converteu este símbolo adaptando-o à sua estrutura religiosa e social.

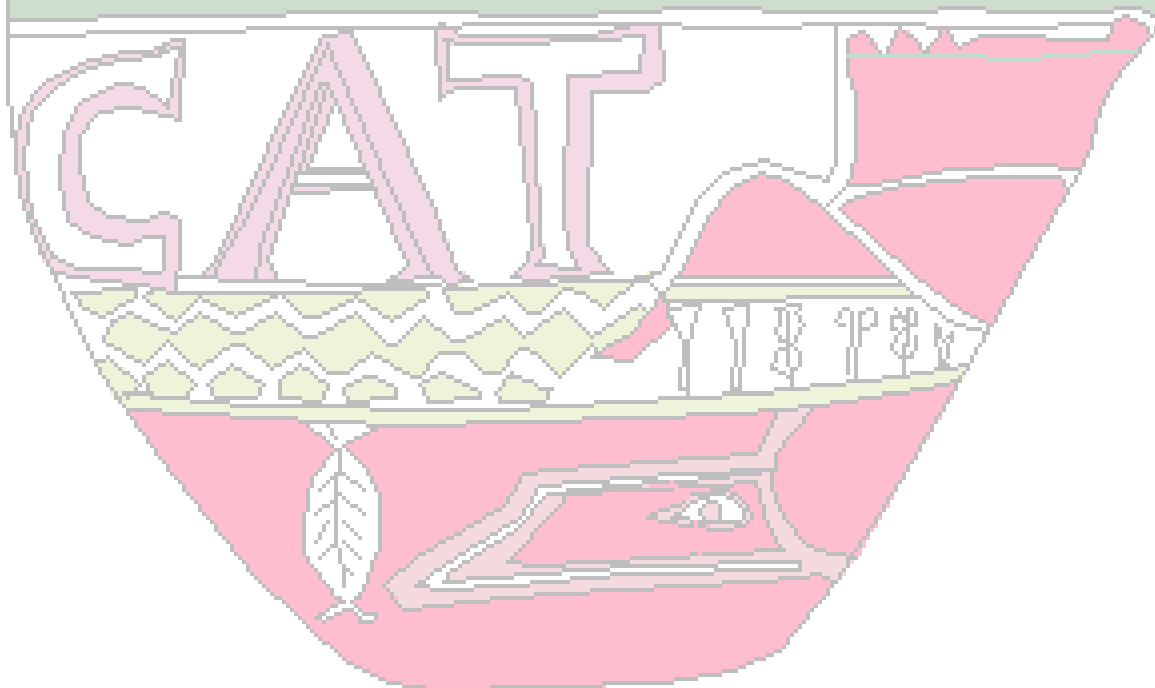
Os vários protótipos detectados na cerâmica islâmica medieval correspondem a palmas da mão esquerda e direita com ou sem antebraço, tal como foram observadas em muitas peças cerâmicas estampilhadas de Mértola. A sua representação nas talhas justifica mais uma vez, a preocupação e o temor dos muçulmanos medievais pelos espíritos maléficos capazes de lançar *mau-olhado* sobre o alimento conservado.

***Tema arquitectónico***

É representado essencialmente por formas de arcos polilobulados ou em ferradura, quase sempre delimitados ou preenchidos por outros motivos de carácter vegetal.



**Figura 1**



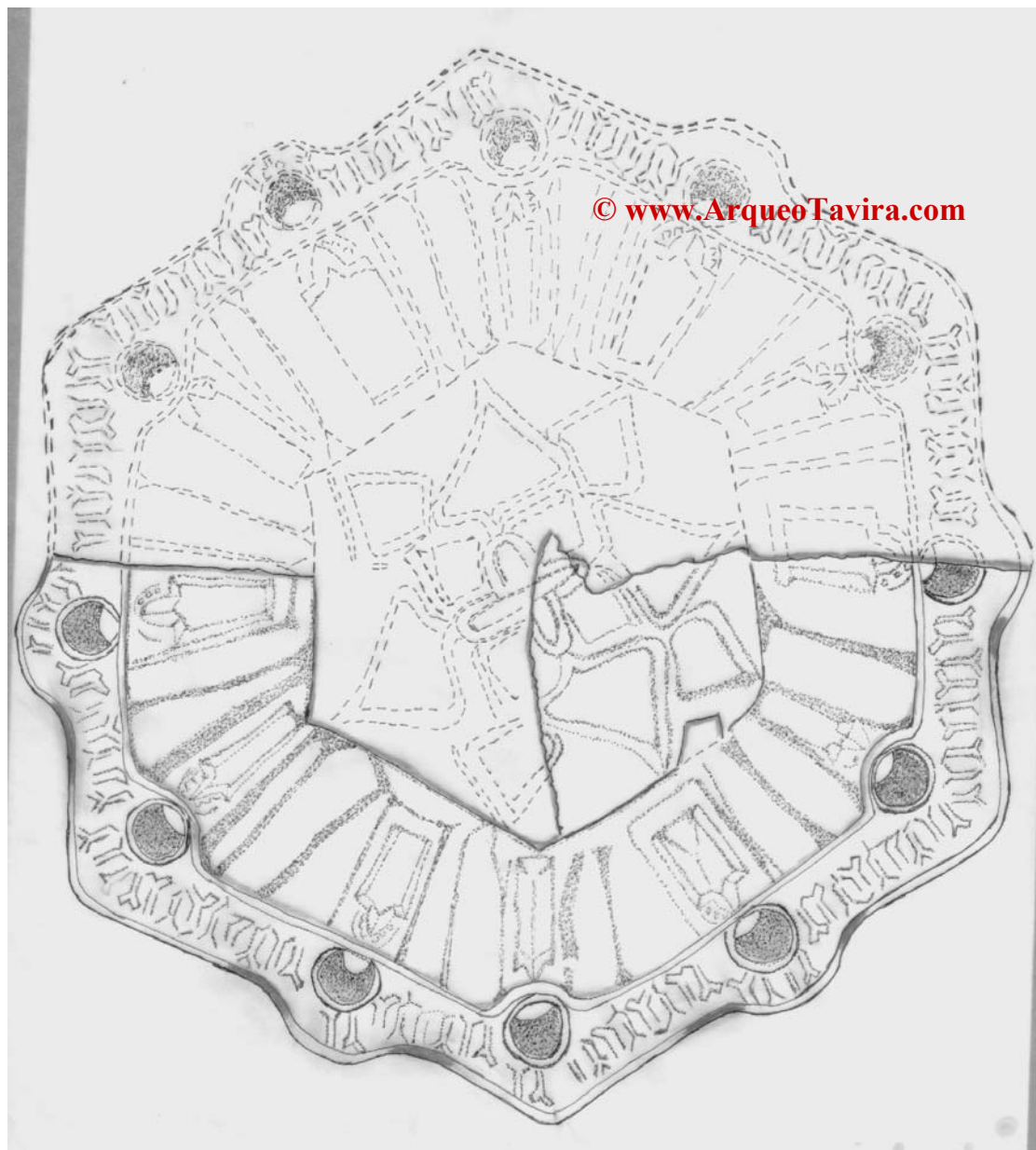
# Catálogo

## ***Cor e acabamento das peças***

Estes fragmentos de talha tem uma cor verde que é dado pelo óxido de cobre menos as peças da fotografia 9 e da fotografia 15, pois estas peças têm a cor da própria pasta, a cor bege. Estas peças têm também um vidrado que é dado devido ao óxido de chumbo, menos as peças da fotografia 9 e da fotografia 15. A pasta destas peças é de cor bege, com desengordurante médio e calcários e quartzo na composição da pasta. Algumas peças tem basaltos e doleritos na composição da pasta (fotografia 3), faz supor que o seu fabrico será local<sup>11</sup>. Não se pode ainda afirmar se os fragmentos de talha encontrados na cidade de Tavira são produzidos no local ou se são de importação, o que leva a querer é que exista dos dois tipos e globalização dos temas decorativos.

---

<sup>11</sup> Carta geológica de Portugal, folha 53b, Tavira

**Peça 1****Al-Tass ( recipiente para água)****Século XII / XIII****Cerâmica****Palácio da Galeria, Tavira****1999**

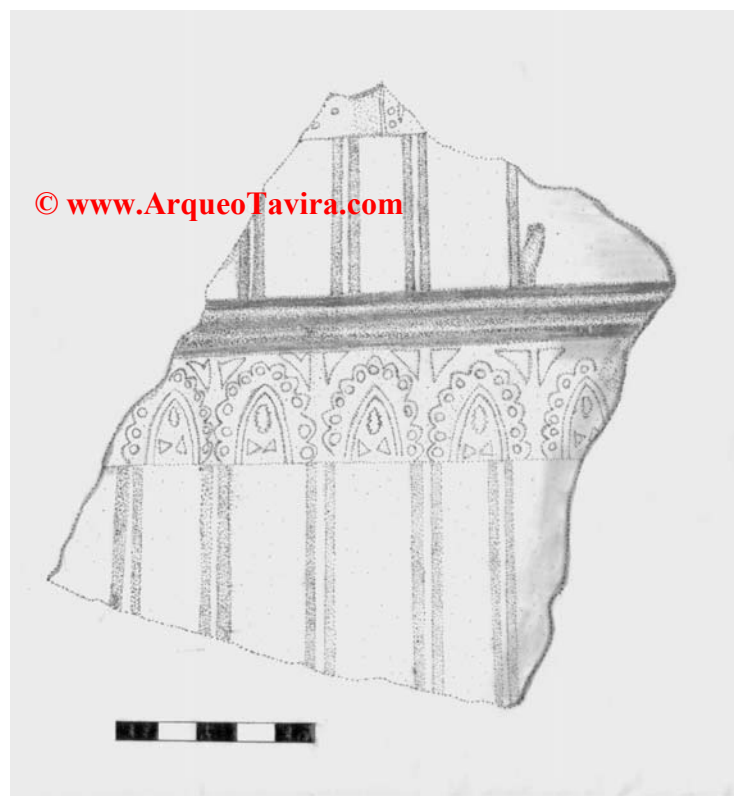
Em primeiro lugar é nos apresentada uma peça que tem por nome *Al-Tass*,. É um utensílio doméstico que servia para lavar as mãos, é uma bacia que se podia colocar junto à porta de entrada da casa ou na sala onde comiam. Esta peça não esta inteira mas fez uma projecção de como seria na totalidade. Foi encontrada uma peça idêntica na cidade de Silves, mas com o verde e o vidrado no exterior, enquanto que a



encontrada em Tavira tem o verde e o vidrado no interior. A arqueóloga de silves atribui outra função ao *Al-Tass*, segundo ela é um queimador<sup>12</sup>, mas é pouco provável que seja um queimador porque não tinha sinais de partes queimadas, mas tinha sinais de algum calcário. Esta peça é de cor verde vidrado no interior e pasta beije no exterior, tem doze orifícios por onde corre água para o centro do recipiente. Visto de cima existe uma decoração geométrica entre esses orifícios. No interior da peça existem doze arcos, correspondentes aos orifícios. São arcos polilobados estampilhados, em que o tímpano está perfurado, sobrepondo um “vão” rectangular. A base é de cor verde com motivos geométricos estampilhados fazendo lembrar folhas de árvore.



<sup>12</sup> Gomes, Rosa Varela, “Palácio Almoáda da Alcáçova de Silves”, Lisboa, 2001, pp.104

**Peça 2****Talha, parte de Bojo****Século XII / XIII****Cerâmica****Palácio da Galeria, Tavira****1999**

O fragmento de talha que constitui a peça 2 tem como natureza decorativa o estilo arquitectónico. São cinco arcos estampilhados, com onze lóbulos, delimitados superiormente por duas formas vegetalistas. Surgem vários pontos de forma circular em volta do arco. Elementos vegetalistas preenchem o tímpano do arco quebrado. É conhecida cerâmica estampilhada com arcos em Mértola<sup>13</sup>.



<sup>13</sup> Khawli, Abdallah, “Arcos estampilhados da cerâmica Islâmica de Mértola” in *Arqueologia Medieval* N°3, edições afrontamento, Campo Arqueológico de Mértola, pp.133-145

### Peça 3

Talha, parte incerta

Século XII / XIII

Cerâmica

Banco Nacional Ultramarino, Tavira

1996



A peça 3, de natureza fitomórfica, é verde e vidrada.





## Peça 4

Talha, asa

Século XII / XIII

Cerâmica

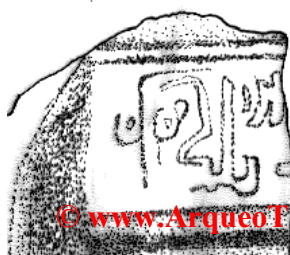
Banco Nacional Ultramarino, Távira

1996



A peça 4 é uma asa de talha, e a sua decoração é de natureza fitomórfica, com um círculo que representa uma estrela.



**Peça 5****Talha, ombro sem asa****Século XII / XIII****Cerâmica****Banco Nacional Ultramarino, Távira****1996**

5A



5B



5C



5D

A peça 5 representa um ombro de uma talha sem a asa, tem vários registos com vários tipos de decoração: epigráfica, fitomórfica e geométrica. Com decoração epigráfica temos o *Al-Mulk* (desenho 5/A), significa o poder, talvez o poder de Deus ou o poder do chefe, também pode simbolizar o império (o celeste como o terrestre), surge-nos de

uma forma estilizada. Existe um grande espólio de talhas com *Al-Mulk* na Vila de Mértola. Num outro registo temos a corda infinita, aparece de várias formas na decoração islâmica, dá-nos a noção de continuidade (desenho 5/B). As decorações do desenho 5/C não são muito perceptíveis, mas parecem formas geométricas. Aparecem em três registos. A ultima decoração desta peça é de natureza fitomórfica, o que parece ser a representação de uma folha (desenho 5/D).





## Peça 6

Talha, parte incerta

Século XII / XIII

Cerâmica

Banco Nacional Ultramarino, Tavira

1996



A peça 6 é de natureza fitomórfica, representando-se uma flor com as suas pétalas.



**Peça 7****Talha, parte incerta****Século XII / XIII****Cerâmica****Banco Nacional Ultramarino, Tavira****1996**

A peça 7 é igualmente de natureza fitomórfica e nele está representado como parte central um motivo vegetalista com um bolbo no centro da estampilha. Tem motivos geométricos na parte inferior e superior do fragmento.



**Peça 8****Talha, ombro e asa****Século XII / XIII****Cerâmica****Banco Nacional Ultramarino, Tavira****1996**

8 A



8 B



8 C



8 D



A peça 8 representa a parte de uma talha que é um ombro e uma asa. Tem vários registos decorativos com motivos geométricos, fitomórficos e arquitectónicos. A asa desta talha é decorada com três círculos que nos fazem lembrar flores (desenho 8/A). Num primeiro registo há uma decoração arquitectónica (desenho 8/B), são quatro arcos polilobados com elementos vegetalistas a preencherem o tímpano do arco quebrado. A decoração seguinte é constituída por cordões (desenho 8/C e 8/D), que nos pretendem dar uma sensação de infinito. O desenho 8/F tem a representação de losangos que também nos dá a sensação de infinito. O último registo deste fragmento (desenho 8/E), tem a representação de folhas que podem ser comparadas com o desenho 5/D. Mas pode ser discutido se é a representação de folhas ou de flores.





**Peça 9****Talha, parte incerta****Século XII / XIII****Cerâmica****Banco Nacional Ultramarino, Tavira****1996**

A peça 9 tem no centro e na parte superior do fragmento a representação de folhas e, na parte inferior do fragmento, estão representados motivos vegetalistas.



**Peça 10****Talha, parte incerta****Século XII / XIII****Cerâmica****Banco Nacional Ultramarino, Tavira****1996**

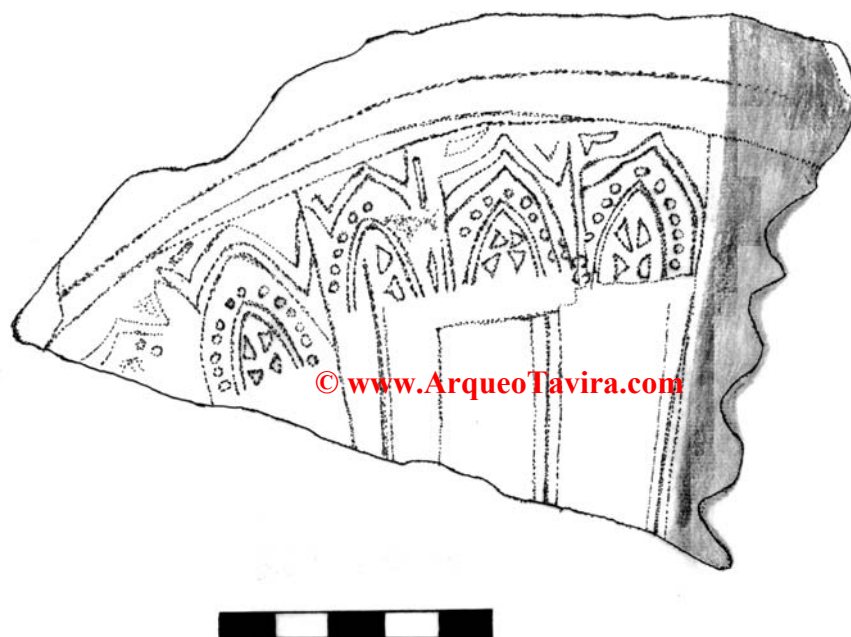
A peça 10 tem como temática principal a epigráfica. A transcrição é *Al-Mulk* (o poder ou o império). No centro da palavra estão motivos florais.





**Peça 11****Talha, asa****Século XII / XIII****Cerâmica****Palácio da Galeria, Tavira****1999**

Na peça 11 está representado uma asa com decorações de arcos. Estes foram feitos uns em cima de outros, o que não proporcionou uma estampilhagem perfeita. Os arcos são quebrados com formas circulares e no tímpano apresentam-se quatro elementos de carácter vegetalista.



## Peça 12

Talha, parte incerta

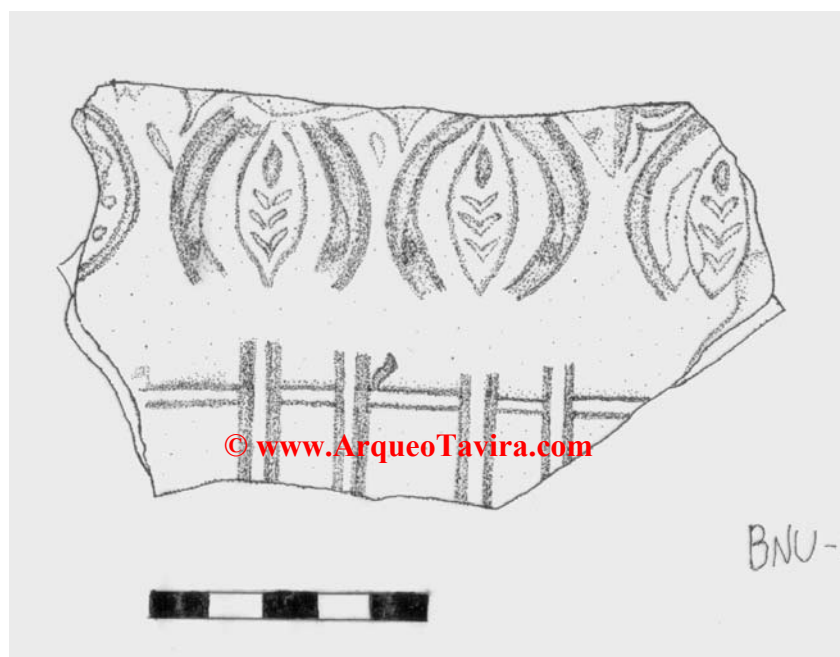
Século XII / XIII

Cerâmica

Banco Nacional Ultramarino, Tavira

1996

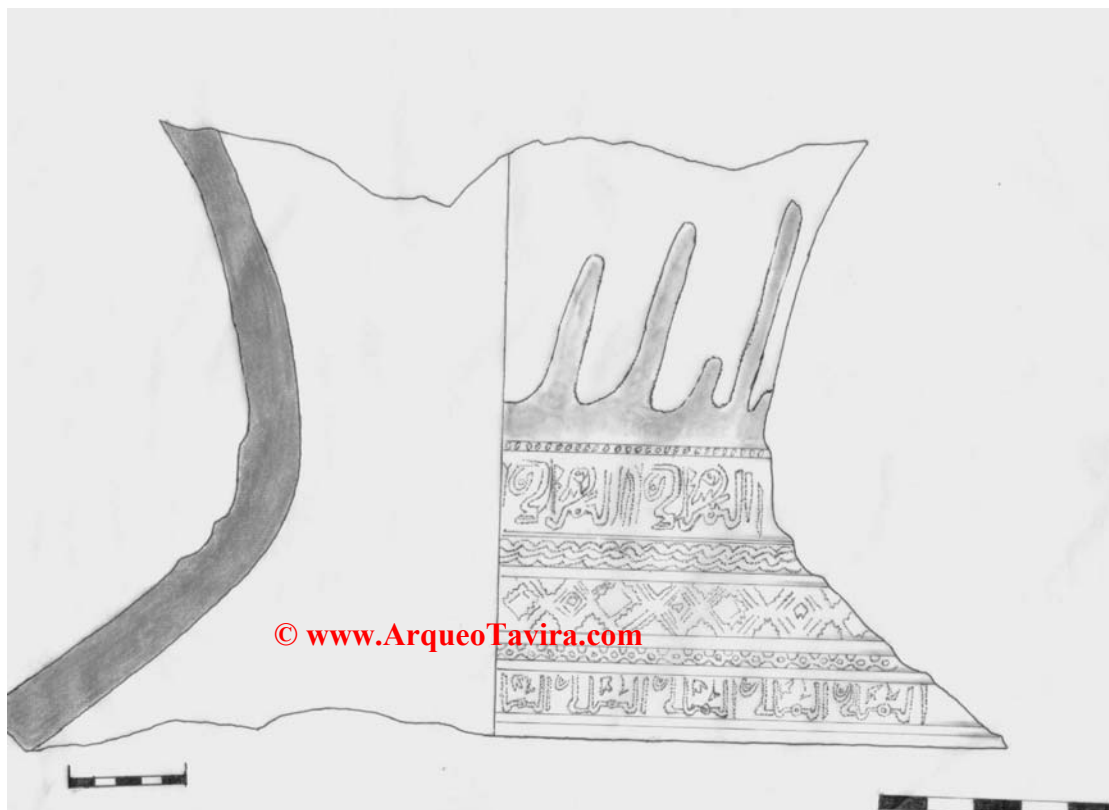
A decoração apresentada na peça 12 é de carácter fitomórfico, representando bolbos de uma planta.



**Peça 13****Talha, parte incerta****Século XII / XIII****Cerâmica****Palácio da Galeria, Tavira****1999**

O fragmento de talha da peça 13 tem como principal motivo decorativo, a decoração epigráfica. Esta representa um *Al-Mulk* (o poder ou o império), o centro da epigrafe esta ornamentada com o que parece uma ave, talvez um cisne.



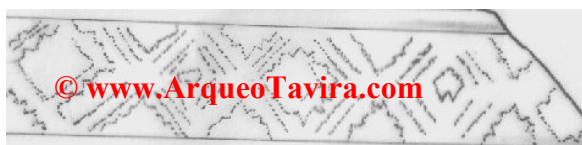
**Peça 14****Talha, colo****Século XII / XIII****Cerâmica****Banco Nacional Ultramarino, Tavira****1996**

Na peça 14 está representado um colo de uma talha com vários registos decorativos epigráficos e geométricos. Temos dois registos com decoração epigráfica (desenho 14/A e 14/E), com o *Al-Mulk* e o centro da palavra é ornamentado com motivos vegetalistas. As outras decorações são cordas e correntes que nos dão a noção de não terem fim (desenho 14/B, 14/C, 14/D e 14/F).





14 D



14 E



14 F





**Peça 15****Talha, parte incerta****Século XII / XIII****Cerâmica****Palácio da Galeria, Tavira****1999**

Como último elemento decorativos apresenta-se a peça 15. É um fragmento de uma talha que a sua decoração não tem uma ordem como as outras que vimos anteriormente, pois parece um mostruário de uma loja de cerâmicas ou alguém que se tenha entretido a estampilhar o barro. Tem decorações geométricas e fitomórficas (desenho 15/A, 15/B e 15/D). Temos a representação de uma estrela no desenho 15/C, folhas de palmeta no desenho 15/E e um motivo decorativo epigráfico no desenho 15/F, que representa uma *baraka*. A *baraka* é um símbolo de santidade, uma benção que se dá a alguém.



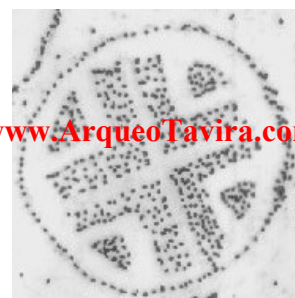
© www.ArqueoTavira.com

15 A



© www.ArqueoTavira.com

15 B



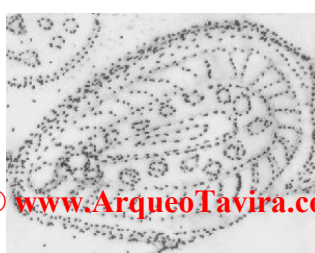
© www.ArqueoTavira.com

15 C



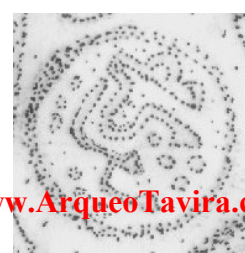
© www.ArqueoTavira.com

15 D



© www.ArqueoTavira.com

15 E



© www.ArqueoTavira.com

15 F



## Bibliografia

Catarino, Helena, *al-`ulyã*, revista do arquivo histórico Municipal de Loulé, Nº6-1997/98, volume 1, pp. 21-128

Catarino, Helena, *O Garb al – Andaluz: definição territorial e administrativa*, in O Algarve da antiguidade aos nossos dias, Lisboa, edições Colibri, 1999, p. 69

Coelho, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. 2, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, editorial Caminho, 1989, 333 pp.

Domingues, José D. Garcia, *Tavira na época árabe*, conferência pronunciada no salão Nobre da Câmara Municipal de Tavira, Tavira, 1968

Garcia, João Carlos, O Espaço Medieval da reconquista no sudoeste da península Ibérica, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1986, pp. 74-78

Gomes, M.V., Gomes R.V., *O palácio Almoáda da Alcáçova de Silves*, catálogo, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2001, p. 104

Kemnitz, Eva Maria Von, *A presença árabe em Tavira um caso de continuidade*, in Tavira do neolítico ao século XX, actas da II jornadas de História de Tavira, 1.<sup>a</sup> edição, 1994, pp. 109-117

Khawli, Abdallah, *Lote de cerâmica epigrafada em estampilhagem de Mértola*, in Arqueologia Medieval, vol. 1, Mértola, edições afrontamento, 1992, pp. 7-25

Khawli, Abdallah, *Arcos estampilhados da cerâmica islâmica de Mértola*, in Arqueologia Medieval, vol.3, Mértola, edições afrontamento, 1994, pp. 133-145

Macias, Santiago, *O Algarve islâmico - Resenha de factos políticos*, in O Algarve da antiguidade aos nossos dias, Lisboa, edições colibri, 1999, pp. 75-82

Macias, Santiago, *Mértola islâmica*, campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1996, pp. 106-110

Maia, Maria Garcia Pereira, *Lendas da moura encantada*, catálogo, Câmara Municipal de Tavira, Tavira, 1999

Manuppela, G., *Carta Geológica de Portugal*, folha 53b Tavira, in Serviços geológicos de Portugal, Lisboa, 1987

Marques, A. H. de Oliveira, *História de Portugal desde os tempos mais antigos até à presidência do sr. General Eanes*, vol. I, Das origens ao renascimento, 12.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Palas, 1985, pp. 19, 63-68 e 109-127

Serrão, Joel e Marques, A.H. de oliveira, *Portugal das invasões Germânicas à “reconquista”*, in Nova História de Portugal, vol. II, editorial presença, pp. 121-136

Torres, Cláudio, *Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola islâmica*, in *Arqueologia Medieval*, vol. 4, Mértola, edições afrontamento, 1996, pp. 203-207

Torres, Cláudio e Macias, Santiago, *Apogeu da civilização Islâmica no ocidente ibérico*, in *Memória de Portugal, o milénio Português*, círculo dos leitores, 2001, pp. 2-11

Torres, Cláudio e Macias, Santiago, *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, catálogo, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1998, 335 pp.

Vasconcelos, Damião Augusto de Brito, *Notícias Históricas de Tavira*, edição da Câmara Municipal de Tavira, 3ª edição, 1999, pp. 15-30